



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Cultura: Conceito Sempre em Desenvolvimento

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Cultura: Conceito Sempre em Desenvolvimento

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C968	Cultura [recurso eletrônico] : conceito sempre em desenvolvimento / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. 217 p. : il. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-437-5 DOI 10.22533/at.ed.375190406 1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 353.70981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O presente livro pretende introduzir o leitor ao conceito antropológico de cultura e seu constante desenvolvimento. Tema central das discussões antropológicas nos últimos 100 anos, o assunto tem se demonstrado inesgotável, motivo pelo qual aqueles que tiverem o desejo de se aprofundar recorrem à bibliografia apresentada no final do volume. Destinado essencialmente a um público que se inicia no tema. A nossa intenção foi a de elaborar um livro texto bem didático e, portanto, bastante claro e simples. Os autores procuraram, na medida do possível, utilizar exemplos referentes à nossa sociedade, à escola, instituições que compartilham conosco um mesmo território. Isto não impede, contudo, a utilização de exemplos torna dos emprestados de autores que trabalharam em outras partes do mundo. Tal procedimento é coerente, desde que o desenvolvimento do conceito de cultura é de extrema utilidade para a compreensão do paradoxo da enorme diversidade cultural da espécie humana. Para tornar a bibliografia citada mais acessível aos leitores, O livro se refere ao desenvolvimento do conceito de cultura a partir das manifestações iluministas até os autores modernos, procura demonstrar como a cultura influencia o comportamento social e diversifica enormemente a humanidade, apesar de sua com provada unida de biológica.

Esta reflexão trata da relação cultura, desenvolvimento local e políticas culturais enfatizando os instrumentos normativos de direcionamentos, constituição e orientação de políticas públicas relevantes a apresentação dos elementos culturais, materiais e imateriais, relacionados aos empreendimentos, associações, entidades e pessoas interessadas na melhoria da qualidade de vida por meio de processos populares de geração de renda.

A cultura traz um conjunto de possibilidades harmônicas ao desenvolvimento entre perspectiva do econômico, social e ambiental. Reverbera ressignificações simbólicas, não sem tensão, sobre identidade, valorização do lugar e das coisas do lugar, das concepções de tradicional e moderno, de futuro e passado, de avanço ou retrocesso, de progresso e atraso e de alteridades que aparecem na constituição do imaginário social.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CULTURA, CONCEITO EM DESENVOLVIMENTO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DISCENTE.	
Solange Aparecida De Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro João Guilherme De Carvalho Gattás Tannuri	
DOI 10.22533/at.ed.3751904061	
CAPÍTULO 2	16
POLITICS (AND POLICIES) OF HISTORICAL MEMORY AND VIOLATIONS OF HUMAN RIGHTS: GENDER AND ETHNICITY INTERSECTIONS	
Ricardo Sant' Ana Felix dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3751904062	
CAPÍTULO 3	29
A CULTURA COMO CAMPO POLÍTICO EM CONSTRUÇÃO NO BRASIL	
Renner Coelho Messias Alves Ingrid Mendes Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.3751904063	
CAPÍTULO 4	42
AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A LEI Nº 10.639/03 NAS QUESTÕES DE ENSINO- APRENDIZAGEM: HISTÓRIA, CULTURA, IDENTIDADE NEGRA E AS COMPETÊNCIAS PARA UM ENSINO MULTICULTURAL	
Francisco Anderson Varela Bezerra Kássia Mota de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.3751904064	
CAPÍTULO 5	51
REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE ALFREDO BOULOS JÚNIOR COM A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639 (2003-2012)	
Vanessa Santos Fontequê Jamaira Jurich Pillati Juliana Ferri Rosa Shizue Abe Sidney Lopes Sanchez Júnior Patrícia Ferreira Concato de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.3751904065	
CAPÍTULO 6	63
O “BICHO-MÃE” NO CIBERESPAÇO: GÊNERO E MATERNIDADE NO BLOG MAMÍFERAS	
Clarissa Sousa de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.3751904066	
CAPÍTULO 7	75
MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA, MATERNIDADE E TECNOLOGIAS DE GOVERNO: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO	
Caroline Silveira Sarmento	
DOI 10.22533/at.ed.3751904067	

CAPÍTULO 8	87
MEMÓRIAS, MULHERES E PODER NA PRESIDÊNCIA DAS COLÔNIAS DE PESCADORES/AS EM PERNAMBUCO	
Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão	
DOI 10.22533/at.ed.3751904068	
CAPÍTULO 9	99
IMAGENS DO FORRÓ PÉ DE SERRA NO SUDESTE COMO REPRESENTAÇÃO SOBRE A CULTURA NORDESTINA	
Renner Coelho Messias Alves	
DOI 10.22533/at.ed.3751904069	
CAPÍTULO 10	117
SECA E DEVOÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO CRUZEIRO DE SÃO BOM JESUS EM CARIUTABA NO MUNICÍPIO DE FARIAS BRITO – CE	
Emanuel Mateus da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.37519040610	
CAPÍTULO 11	124
MITOS E RITOS DOS MUNDOS ÁRABES E INDÍGENAS: A DANÇA COMO UM OÁSIS DE REAFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES	
Luiza Angélica Oliveira Guglielmini	
Romy Guimarães Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.37519040611	
CAPÍTULO 12	140
A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO NA TRILOGIA DO SILÊNCIO DE INGMAR BERGMAN A INFLUÊNCIA DO EXISTENCIALISMO MODERNO NO CINEMA EUROPEU	
Yasmin de Sousa Fontes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.37519040612	
CAPÍTULO 13	151
MOBILIDADE URBANA PELOS MEIOS DE TRANSPORTE ALTERNATIVOS	
Mariana Rei Passos Campos	
DOI 10.22533/at.ed.37519040613	
CAPÍTULO 14	161
CONSUMO NA MEIA IDADE	
Kátia Sayuri Maruyama	
DOI 10.22533/at.ed.37519040614	
SOBRE A ORGANIZADORA	172

MEMÓRIAS, MULHERES E PODER NA PRESIDÊNCIA DAS COLÔNIAS DE PESCADORES/AS EM PERNAMBUCO

Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão

Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Departamento de Ciências Sociais
Recife – Pernambuco

RESUMO: Transversalidade de Gênero: Acesso das mulheres a espaços de poder e decisão na pesca artesanal, consistiu numa proposta de pesquisa que resgatou a trajetória de acesso de mulheres, aos espaços de poder e decisão, na Presidência das Colônias de Pescadores/as em Pernambuco na última década do século XXI. No estado de Pernambuco a 1ª pescadora foi eleita presidente de Colônia de pesca em 1989, ela se constituiu na única liderança feminina desta categoria até 2007. A partir desta data, o quadro de lideranças nas Colônias de Pescadores/as tem sido modificado, foram eleitas 06 seis presidentes com o apoio do movimento social Articulação das Mulheres Pescadoras de Pernambuco e destas seis, duas se candidataram à vereadora, uma delas foi eleita para o cargo nas últimas eleições municipais, em 2016. A pesquisa está fundamentada na epistemologia feminista e na literatura que envolve gênero, pesca e meio ambiente. A proposta metodológica de conhecimento situado, contribuiu na elaboração de radionovelas, idealizadas a partir da concepção de trocas de saberes que envolve a

devolução dos dados de pesquisa à comunidade na forma cartilhas, reuniões, palestras e cursos. A pesquisa possibilitou resgatar histórias de superação e visibilizou mudanças nas relações de poder e de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Transversalidade de Gênero, Epistemologia feminista, Pesca Artesanal, Colônias de Pescadores/as.

MEMORIES, WOMEN AND POWER IN THE PRESIDENCY OF THE FISHERMEN/FISHERWOMEN COLONIES IN PERNAMBUCO

ABSTRACT: Gender Transversality: the women's access to power and decision taking in small-scale fisheries consisted of a research proposal that rescued the access trajectory of women to spaces of power and decision in the Presidency of the Fishermen and Fisherwoman Colonies in Pernambuco in the last decade of the twenty century. In the state of Pernambuco, the first fisherwoman was elected president of her fishing colony in 1989. She was the only female leader of this category until 2007. From this date, the leadership framework in the Fishermen and Fisherwomen's Colony has been modified: 6 female presidents have been elected with the support of the social movement called "Articulation of the Fisherwomen of

Pernambuco”. From these six, two were candidates for councillor positions and one was elected to the position in the last municipal elections in 2016. The research bases on feminist epistemology and in the literature involving gender, fishing, and the environment. The methodological proposal of situated knowledge contributed to the elaboration of radiophonic soap-operas idealized from the conception of exchanges of knowledge that involve the devolution of research data to the community in the form of booklets, meetings, lectures, and courses. The research made it possible to rescue cases of overcoming and made visible the changes in the relations of power and work.

KEYWORDS: Gender Transversal, Feminist Epistemology, Artisanal Fisheries, Fishermen’s Colony.

1 | INTRODUÇÃO

Mulheres e pesca artesanal tem se constituído em temática de pesquisa, extensão e ensino em nossa prática acadêmica há quatorze (14) anos, nossa inserção nesta temática iniciou a partir de um convênio com o Canadá, quando realizamos pesquisa de campo em Aver-o-Mar distrito de Sirinhaém, situado no litoral sul de Pernambuco. Naquela ocasião pedimos para falar com as mulheres da comunidade e estivemos em atividades acadêmicas com elas de 2004 a 2007, neste período, a comunidade recebeu pesquisadores/as brasileiros/as, canadenses, chileno/as e cubanos/as. Publicamos uma cartilha neste trabalho em conjunto com as trabalhadoras da pesca e, um livro com docentes e discentes do Programa de Pesquisa Desenvolvimento e Sociedade e do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento e Sociedade, GPDES0 (www.gpdeso.com), criado em 2002, no qual se incluiu esta nova linha de pesquisa.

Nos anos subsequentes, foram várias pesquisas financiadas, por diferentes instituições, e realizadas em convênios com instituições de diversas regiões do Brasil e uma segunda vez com o Canadá, também se constituiu em tema de dissertações e monografias, na perspectiva de mergulhar cada vez mais em águas profundas deste universo estudado.

Nesta trajetória, Gênero e Pesca: O Conselho Pastoral da Pesca (CPP) e sua contribuição na trajetória do movimento social Articulação de Mulheres Pescadoras, consiste em uma das pesquisas, edital CNPq N° 20/2012, que dialogam com este artigo, nesta investigação que realizou o resgate das ações do CPP no município de Itapissuma, Pernambuco, no período de 1975 a 1995. Na coleta de dados se buscou os elos e as inter-relações entre o CPP e o movimento social *Articulação Nacional das Mulheres Pescadoras*, movimento social que se organizou também nos seguintes estados: Bahia, Alagoas, Ceará, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Piauí e Pará.

A pesquisa qualitativa e exploratória, fundamentada na epistemologia feminista, o corpus da pesquisa envolve as presidentes de Colônias de Pescadores do estado de Pernambuco, no período de 1989 a 2013. A coleta de dados foi realizada a partir de

roteiro semiestruturado.

A epistemologia feminista possibilita problematizar presenças e ausências das mulheres em espaços de trabalho, de poder e decisão na sociedade. As representações sociais da pesca artesanal no nordeste brasileiro estão repletas de imagens de homens fortes em suas jangadas, que também se constituem em sujeitos nas letras das músicas sobre pesca e mar. Dorival Caymmi, soube expressar com poesia diversos valores andrógenos nas representações deste tipo de pesca em suas canções. A exemplo de “O bem do mar” no qual escreve que “o pescador tem dois amor, um bem na terra, um bem no mar”; em outra letra destaca que “Minha jangada vai sair pro mar, vou trabalhar, meu bem querer, se Deus quiser quando eu voltar do mar, um peixe bom eu vou trazer.

Assim, na pesca artesanal a abordagem de gênero está relacionada ao conceito de patriarcado, o qual nos dá subsídios para compreendê-lo a partir das desigualdades entre as subjetividades relacionadas aos comportamentos considerados masculinos e femininos na sociedade, inclusive na análise da cadeia produtiva da pesca artesanal, que consiste em diferenças sociais, econômicas e históricas, construídas e legitimadas em função das desigualdades vivenciadas e naturalizadas pela sociedade. Neste contexto, vale ressaltar, como lemos nas poesias acima, que na pesca artesanal predomina a divisão social, na qual os homens estão no mar e as mulheres na terra.

Importante ressaltar que para compreender o deslocamento do lugar ocupado pelas mulheres na pesca artesanal, da condição de exclusão e ou invisibilidade à presidência de Colônias de Pescadores/as, faz-se necessário um breve resgate histórico que evidencia situações e momentos de rupturas com modelos cristalizados de divisão sexual do trabalho.

Uma importante fonte de dados neste resgate histórico consistiu no acesso aos documentos reunidos pela religiosa Irmã Nilza de Miranda Montenegro, que esteve por 20 anos trabalhando com as pescadoras de Itapissuma, local onde foi eleita a primeira presidente de Colônia de Pescadores/as no Brasil. O acervo por ela organizado nos possibilitou conhecer o cotidiano das pescadoras de Itapissuma nas décadas de 1970 a 1990 e resgatar as ações do CPP neste período.

A coletânea documental da Irmã Nilza, na forma de um arquivo pessoal, consiste em anotações de seu trabalho de campo, páginas manuscritas, datilografadas, conjunto de reportagens de jornais com notícias sobre Itapissuma durante os anos setenta a noventa do século XX. Todo este material foi catalogado e organizado pelo Prof. Dr. Gilmar Soares Furtado, que também a entrevistou e gravou seus depoimentos nas três visitas a João Pessoa.

O referencial teórico em diálogo com os dados coletados nos possibilitou responder as seguintes indagações: De que modo às transformações sociais iniciadas com a atuação do CPP em Itapissuma contribuiu no acesso das mulheres a espaços de poder nos movimentos sociais da pesca artesanal e na presidência das Colônias de Pescadores/as?

Vale ressaltar que a sistematização do conjunto de dados do presente trabalho esta fundamentada na proposta de *descrição de densa* de (Clifford Geertz 1978). A antropologia interpretativa proposta pelo autor esta assentada na análise do conjunto de práticas e relações sociais mediante as quais o corpo social e suas instituições conjugam o real e produzem sentido.

As coletâneas de textos organizados por (Adomili, G. K. et al. 2012), (Rial et al. 2010) e o artigo de (Dallmann, J. M. A. e Lago, M. C. S. 2011) nos permitiram aprofundar questões interdisciplinares sobre o viver e trabalhar de homens e mulheres que sobrevivem da pesca artesanal.

2 | CONTEXTO HISTÓRICO: MULHERES E PESCA ARTESANAL

A escolha por pesquisar este público específico, mulheres pescadoras, se justifica a partir da história de criação e gestão das Colônias de Pescadores que foram controladas pela Marinha de Guerra, e como esta instituição não aceitava mulheres em seu quadro de trabalhadores até finais da década de 1970, as pescadoras não podiam exercer sua cidadania na instituição que representa os trabalhadores da cadeia produtiva da pesca.

A partir de 1979, as pescadoras solteiras puderam obter seu reconhecimento profissional, mas dependem, até hoje, assim como os homens, que o presidente ou a presidente de colônia e mais duas testemunhas atestem serem profissionais desta cadeia produtiva, para assim poderem acessar o Registro Geral da Pesca (RGP).

Desta forma, as mulheres pescadoras vivenciaram durante várias décadas a precarização do trabalho e a exclusão de direitos sociais. As pescadoras se organizaram desde 2004, no movimento social Articulação das Mulheres Pescadoras, composto por lideranças políticas de pescadoras durante a Conferência Nacional das Trabalhadoras da Pesca em Brasília, movimento este que ainda não possui CNPJ. Entretanto, a não existência jurídica ao longo de mais de uma década não se constituiu em impedimento para sua atuação em defesa da pesca artesanal e dos direitos das mulheres pescadoras (VERAS, D. B. e LEITÃO, M. R. F. A. 2012, p. 203).

A partir de sua organização, a ARTICULAÇÃO além de participar nas ações relacionadas à equidade de gênero no que se refere ao acesso aos direitos laborais das pescadoras, vem sistematicamente, desde 2010, apoiando candidaturas a presidências e secretarias das colônias e das associações comunitárias de pescadores e pescadoras artesanais. Esta inserção tem sido realizada a partir da presença de representantes deste movimento social durante todo o processo eleitoral, ou seja, estes têm construído plataformas de direitos humanos que comportam as suas necessidades enquanto sujeitos subalternos na cadeia produtiva da pesca e construído formações discursivas, por meio de práticas articuladas em rede, que contemplam sua historicidade (SCHERER-WARREN, I. 2011, p. 22).

A construção do agendamento das pescadoras artesanais aos princípios feministas teve como marco referencial a vitória na eleição de uma mulher para o cargo de presidente de Colônia Itapissuma/Pernambuco, em finais da década de 1980. Fato social que possibilitou a estas mulheres o acesso a espaços de poder numa esfera da qual as profissionais da pesca artesanal estavam totalmente excluídas (LEITÃO, M.R.F.A. 2009, p. 163).

3 | GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS NA PESCA ARTESANAL

O ano de 1979 representa um marco no acesso das mulheres às políticas públicas para as pescadoras artesanais, o que inclui acesso aos direitos sociais: licença maternidade, aposentadoria, auxílio doença e o seguro defeso. Trinta anos depois dessa data entra em vigor a LEI nº 11.959, de 29 de junho de 2009, que estabelece normas gerais da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca.

Esta Lei propõe em seu discurso formular, coordenar, executar e promover o desenvolvimento sustentável da pesca e da aquicultura, além do ordenamento, da preservação e do desenvolvimento socioeconômico dessa atividade.

Nesta legislação, o Art. 4 do Cap. III e o seu parágrafo único respondem a uma parcela da demanda das pescadoras ao incluírem na condição de atividade pesqueira a comercialização e o processamento, funções estas desenvolvidas por muitas mulheres inseridas nesta cadeia produtiva.

Na legislação vigente ainda persistem desigualdades nas relações de trabalho, o que têm contribuído para a tomada de consciência das pescadoras por seus direitos sociais e as têm mobilizado em busca de políticas públicas que as contemplem. Sobre o tema, (Farrah, M. F. S. 2004, p. 51) afirma que “políticas públicas com recorte de gênero são políticas que admitem a diferença de gênero e, com base nesse reconhecimento, implementam ações diferenciadas para mulheres”.

Apesar dos trinta anos entre a inclusão das pescadoras nos direitos sociais e da efetivação da Lei da Pesca, as profissionais desta cadeia produtiva ainda identificam uma cultura de invisibilidades da sua autonomia enquanto sujeitos sociais nesta legislação. (SCHERER-WARREN, I. 2011, p. 25) questiona sobre a construção de:

Uma plataforma de direitos humanos que respeite e consolide os “direitos tradicionais” das populações subalternas e que inclua medidas reparadoras de suas condições históricas de sujeitos discriminados, sem que se utilize de políticas meramente assistencialistas ou clientelistas, mas que busque recuperar a história, a cultura, as vozes, os desejos e os projetos das populações subalternas e socialmente excluídas.

As contradições apresentadas sobre a lei da pesca evidenciam o debate sobre a transversalidade de gênero e as políticas públicas. No que se refere à transversalidade do gênero (Labrecque, M. F. 2010, p. 901) apresenta várias dimensões: escolhemos

a concepção defendida por Sylvia Walby que atribui à transversalidade do gênero um conjunto teórico e um conjunto de práticas.

Outro aspecto importante na relação entre gênero e políticas públicas, segundo (Farah, M. F. S. 2004, p. 56-58), consiste no empoderamento/agendamento do tema, que influenciam as Políticas Públicas.

Nessa ótica, os posicionamentos da Articulação de Mulheres Pescadoras se identificam numa agenda positiva de gênero no que se refere ao acesso aos espaços de poder e decisão nas Colônias de Pescadores de Pernambuco, a partir de plataformas mais inclusivas de direitos humanos.

4 | CONTEXTUALIZANDO A ATUAÇÃO DO CPP EM ITAPISSUMA

O golpe militar de 1964, a atuação do *Movimento de Educação de Base da CNBB* foi sendo bloqueada não só pelos órgãos de repressão, mas também pela própria hierarquia católica, transformando-se, na década de 1970, muito mais em um instrumento de evangelização do que propriamente de educação popular. É nesse panorama político que é criada a Comissão Pastoral dos Pescadores, no ano de 1968, hoje Conselho Pastoral dos Pescadores que esteve presente na história das lutas e das conquistas dos pescadores e das pescadoras no Brasil. A proposta do Conselho Pastoral dos Pescadores, segunda a irmã Nilza, consistia em sensibilizar e mostrar as pescadoras que elas se constituíam em sujeitos sociais com autonomia de trabalho.

As reuniões de sensibilização ocorreram no espaço da Colônia, com o objetivo de esclarecer os seus devidos direitos, como também conscientizar essas trabalhadoras da importância dessa associação de classe.

Em 1985, na Constituinte da Pesca, realizada em Brasília-DF, se fez presente Anita de Luna, presidente da Associação dos Pescadores de Ponte dos Carvalhos (município de Cabo de Santo Agostinho-PE) e Margarida Mousinho Rodrigues, presidente da Colônia Z-10 (de Itapissuma-PE), que assumiu o cargo após a renúncia do antigo presidente Genival Aquino de Souza. Assim, tornou-se a primeira mulher a assumir o cargo de presidente de uma colônia de pescadores. Anita e Margarida lutaram e defenderam a aposentadoria para as pescadoras casadas, considerando que desde 1979 as pescadoras solteiras poderiam obter este benefício.

Na eleição de 1989 foi organizada a criação de uma chapa para presidente da Colônia Z-10 e a frente da mesma estava a pescadora Joana Rodrigues Mousinho.

5 | ELEIÇÃO DA PRIMEIRA PRESIDENTE DE COLÔNIA DE PESCADORES/AS

(...) no princípio do ano (1989), percebendo o descontentamento dos pescadores em relação à diretoria da Colônia em exercício, começamos um trabalho de preparação para a eleição de uma nova diretoria a realizar-se em junho. O trabalho de conscientização foi por meio dos contatos informais com os pescadores e de

modo especial com as pescadoras que em número de 40 ou 50, semanalmente se reúnem para debater seus problemas (Nilza Montenegro).

Nilza Montenegro relata que havia um descrédito no sistema eleitoral, uma reação muito negativa sobre a participação, o que conduzia a indagação “para quê votar, se as coisas vão continuar do mesmo jeito?”.

Iniciaram as reflexões sobre a eleição, dando ênfase para as qualidades necessárias para ser presidente da Colônia e neste debate chegaram à conclusão de que “somos pescadoras profissionais, associadas da Colônia, temos direito de votar e queremos lutar pela classe”.

Segundo a religiosa, as mulheres se colocaram à disposição para, dentro das possibilidades, integrarem a chapa e fazerem a campanha. Era muito frequente se ouvir delas: “vamos mostrar a estes homens o que é que pode fazer uma mulher que já descobriu os seus direitos”. Ela afirma que consistiu numa campanha inédita na história das Colônias do Brasil e segundo os depoimentos “elas estavam bem conscientes disso”.

A estratégia utilizada para que as pescadoras pudessem escolher a cédula de eleição foi estabelecer cédulas coloridas, considerando a baixa escolarização da comunidade. Feita uma sondagem, foi escolhida a cor vermelha para a chapa composta por mulheres, para não confundir com a cor da outra chapa. No entanto, faltando poucos dias para a eleição, a Federação Estadual das Colônias de Pernambuco, não aceitou a cor vermelha, porque foi associada à cor do comunismo. Elas substituíram a cor vermelha pela cor verde, segundo elas a “cor da esperança”. A Irmã Nilza nos relatou que “o entusiasmo era tão grande que muitas fizeram um vestido verde para votar”, considerando que todas, estavam pela primeira vez exercendo seu direito de voto na escolha da presidência da Colônia.

A apuração dos votos no fim da tarde do dia 07 de junho de 1989 apresentou o seguinte resultado: dos 679 associados da Colônia, votaram 416 (sendo 178 pescadoras das 240 inscritas naquela época). A “chapa verde” venceu com uma margem de diferença de 126 votos para a chapa branca.

Joana Mousinho saiu vitoriosa e pela primeira vez uma mulher foi eleita ao posto de presidente de uma colônia de pescadores/as no Brasil, . Joana foi reeleita até o ano de 2005, onde foi substituída de forma eletiva pela pescadora Mirian Mousinho da Paz, e mais recentemente em dezembro de 2009 – foi eleita, mais uma vez e ocupa atualmente a posição de presidente da Colônia de Pescadores de Itapissuma.

6 | MULHERES PRESIDENTES DE COLÔNIAS DE PESCADORES/AS EM PERNAMBUCO – 1989 - 2013

A eleição das colônias de pescadores/as tem sido apoiada pela Articulação das Mulheres Pescadoras de Pernambuco se concretiza na condição de movimento social

em 2004 durante o I Encontro Nacional das Trabalhadoras da Pesca, em Brasília. No seu discurso, elas argumentaram que estavam insatisfeitas com o não atendimento, por parte do governo federal, de certas demandas levantadas por elas, foi definida uma comissão por estado, responsável por discutir e reivindicar os direitos das mulheres.

As presidentes de colônias sujeitos desta pesquisa são: Joana Mousinho – 62 – Litoral Norte; Lourdinha – 46 - Litoral Norte; Miriam Mousinho – 50 - Litoral Norte; Lucia – 55 -Litoral Norte; Enilde – 52 - Litoral Sul; Josefa – 62 - Litoral Sul; Aparecida – 45 - Litoral Sul (depois 2012); Margarida – 72 - Litoral Sul; Maria das Neves – 60 - Zona da Mata (depois 2012); Yolanda - 43 – Sertão (desde 2012).

As estórias destas pescadoras dialogam com o conceito de empoderamento/agendamento, o qual dialoga com a elaboração da habilidade de refletir criticamente sobre a própria realidade, de construir uma imagem positiva das mulheres e dos grupos de mulheres, desenvolver coesão e colaboração na tomada de decisão do grupo. Algumas referências de pesquisas na pesca artesanal constituíram-se em portos seguros para esta pesquisa exploratória: (Motta- Maués, M. A. 1977), (Alencar, E. F. 1991), (Maneschy, M. C. e Almeida, M. P. 2002). O texto sobre as memórias das pescadoras foi construído a partir de entrevistas concedidas à Livia Tavares Froes, bolsista do projeto CNPq.

6.1 Joana Mousinho – Presidente Da Colônia Z-10/ Itapissuma

Joana Mousinho, primeira mulher eleita presidente de colônia de pescadores/as no Brasil, em 1988, 62 anos, mãe de 4 filhos (2 falecidos).

Antes de ser presidente de colônia, trabalhou na pesca desde os oito (8) anos, vem de uma família numerosa composta por 10 filhos. Além de pescar, ela desenvolvia outras tarefas remuneradas: lavava roupa, carregava lenha e água na cabeça. Aprendeu com seu pai, no cotidiano familiar, a tecer a rede à mão.

Seu ingresso na atuação política da colônia iniciou em meados de 1975. Antes de ser eleita, em 1989, presidente da colônia, Joana compôs diretorias nas funções de membro do conselho fiscal e secretária da colônia.

Enfrentou forte reação masculina ao exercício da presidência, incluindo risco de violação do seu corpo dentro da própria Colônia. Apesar da existência e permanência de homens machistas, ela afirma que boa parte dos associados da colônia reconhece seu trabalho.

6.2 Maria De Lourdes Rodrigues De Oliveira - Lourdinha – presidente da colônia z -03/ponta de pedras

Filha de pescador, desde infância colabora nas atividades de beneficiamento do pescado, especialmente a manjuba pescada pelo pai.

Durante alguns anos trabalhou em pluriatividades, concluiu o magistério e Pedagogia. Na década de 1990 iniciou uma cooperação voluntária na colônia,

relacionada às questões burocráticas. Período em que houve apoio à comunidade do Projeto Prorrenda Rural/PE, o qual abordou a temática gênero e pesca artesanal.

Posteriormente atuou como secretária, eleita na colônia e em 2006 candidatou-se à presidência do órgão de classe. A reação masculina contrária a sua gestão foi intensa, foi ameaçada com arma de fogo no dia da eleição, foi reeleita em 2010.

6.3 Enilde Lima- presidente colônia z- 09/são José da coroa grande

Enilde, além de presidente de colônia também foi eleita vereadora em 2016. Filha de pescador e mãe marisqueira, tem 52 anos, viúva e mãe de 04 filhos. Acompanhou desde a família nas atividades pesqueiras.

A cooperação das mulheres da família, a fortaleceu para reagiu à violência doméstica o possibilitou atitudes de superação. Tias, avó, cunhada, irmã contribuíram no cuidado com os/as filhos/as, enquanto ela realizava pluriatividades para sobreviver.

Enilde afirma que o apoio do CPP, os encontros da Articulação das Mulheres Pescadoras de Pernambuco e também as oficinas itinerantes promovidas pelo GPDES/URFPE, constituíram em agentes externos que possibilitaram ela envolver-se gradativamente nas atividades na colônia.

6.4 Lúcia Maria Dos Santos – presidente da colônia z-15/atapuz

Lúcia Maria dos Santos tem 50 anos e nasceu no município de Goiana em Pernambuco. A sua inserção no beneficiamento da pesca começou cedo.

Lúcia foi convidada em 2000, pelo se candidatar ao cargo de tesoureira na diretoria da Colônia. Posteriormente ela se candidata e ganha as eleições, na época das entrevistas estava no terceiro mandato.

6.5 Miriam Mousinho – secretária da colônia z-10/itapissuma

Miriam Sobrinha de Joana e Margarida tem 49 anos, 2 filhos. Formada em magistério, em 2004 teve a oportunidade de trabalhar na alfabetização de jovens e adultos pescadores e filhos pescadores na colônia. Sua rotina no trabalho da pesca começou cedo, aos 8, 9 anos, acompanhava a mãe e as tias Joana e Margarida na coleta do sururu.

Miriam chegou à presidência de colônia e assumiu o cargo por dois mandatos. Desde finais da década de 1990 substituiu o secretário Bio em suas ausências. Após essa experiência, ela participou de uma chapa e foi eleita secretária e, posteriormente ela foi eleita em 02 mandatos. Miriam ao comentar sua experiência relatou: *“No início eu não queria, não queria fazer parte de diretoria, não queria fazer parte de nada!”*. Afirmou que o trabalho é difícil, exige demanda de tempo interno à Colônia e atividades externas que incluem participar de reuniões, formações, viagens.

6.6 Maria Aparecida Santana, Cida – presidente da colônia z-25/jaboatão

Maria Aparecida Santana, atualmente está com 45 anos, é viúva. Relata que ela e as irmãs, 05 filhas no total, eram responsáveis por alguma tarefa nas atividades da pesca. Destaca que apesar de haver desempenhado outras atividades, a pesca sempre foi principal fonte de renda na sua família.

Muito antes de se eleger como presidente da Colônia Z-25/Jaboatão, no ano de 2013, Cida chegou a participar de vários movimentos relacionados à Igreja Católica e também sociais.

Fez parte da diretoria da colônia Z-08, convidada por Josefa. Outras pescadoras como Joana, contribuíram na sua ascensão à presidência da colônia Z-25. Semelhante as outras presidentes de colônias de pescadores/as ela enfrentou a reação masculina, um pescador lhe disse que talvez ela não “conseguisse” terminar o primeiro mandato.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção deste resgate da história das pescadoras de Pernambuco, concordamos com (Scherer-Warren, I 2011, p. 23) ao considerar relevante o posicionamento, a localização e a memória dos atores sociais no debate político e intelectual contemporâneo. A partir desta perspectiva, o relato das pescadoras possibilita “desenvolver um debate crítico em torno da diversidade e das contradições das experiências vividas, dos poderes de representação social e das lutas por reconhecimento”.

As três décadas de inserção das mulheres nos direitos sociais da pesca artesanal e de quase quatorze anos de existência da Articulação de Mulheres Pescadoras, contribuíram no processo de visibilidade e de conquistas destas trabalhadoras.

Sobre a formação deste movimento social, a líder Joana Mousinho relata:

Eu vejo uma coisa muito importante porque a gente no passado, não eu, eu não era dessa época, as mulheres nem tinham direito de chegar dentro da colônia. A colônia era só de homem. Aí, hoje, a gente vê tantas mulheres presidentes de colônia, não só aqui em Pernambuco, mas em todo o Brasil. Essa Articulação das mulheres que até em Brasília é conhecida, muitas vezes vai o pessoal da Articulação pra discutir problemas.

Para a irmã Nilza, uma grande conquista do CPP em Itapissuma foi a participação ativa de quatro pescadoras na Diretoria da Colônia Z-10, desde finais da década de 1980.

Preferimos concluir com as palavras das pescadoras presidentes de Colônias, que chamam a atenção para a necessidade de ocupar os espaços de poder e também da organização e cooperação das mulheres na luta por conquistar e manter-se em cargos de liderança institucionalizada:

“As Colônias que tem os homens na liderança fica difícil, dificulta os trabalho das mulheres. Porque tem muitos que não dão espaços para as mulheres. Sabem que

se der uma brechinha elas chegam junto” (Joana).

”Nós do litoral sul somos mais organizadas, temos uma articulação do litoral. Tem dona Margarida de Tamandaré, tem Cícera de Rio Formoso. Então pra gente fica mais fácil fazer o trabalho” (Enilde).

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edna F. **Pescadeiras, Companheiras e Perigosas. Um Estudo sobre a Pesca Feminina em Lençóis. Brasília**, UnB (dissertação de mestrado), 1991.

ADOMILI, Gianpaolo Knoller et al. (Orgs.). **Povos e coletivos pesqueiros: estudos etnográficos e perspectivas sócio-antropológicas sobre o viver e trabalhar**. Rio Grande : Editora da Furg, 2012.

BANDEIRA, Lourdes. **Avançar na transversalidade da perspectiva de gênero nas políticas públicas**. CEPAL, SPM, Brasília. Janeiro, 2005. p. 3-33.

DALLMANN, J. M. A. 2012 DALLMANN, J. M. A.; LAGO, Mara Coelho de Souza. A importância da etnografia nas pesquisas interdisciplinares: uma abordagem para o estudo do Programa Bolsa Família em Florianópolis, SC. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas** (Online), v. 13, p. 60-78, 2012.

FARAH, Marta Ferreira Santos. Gênero e políticas Públicas. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, janeiro-abril, 2004, (56-58).

FURTADO, Gilmar Soares; LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade e Cruz. Lançando rede tecida e retecida na esperança de garantir peixe e sonho. In: LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade e Cruz Maria Helena Santana (Orgs.). **Gênero e trabalho: diversidades de experiências em educação e comunidades tradicionais**. 1ª ed. Florianópolis: Editora de Mulheres, p. 221- 236, 2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LABRECQUE, Marie France. Transversalização da perspectiva de gênero ou instrumentalização das mulheres? **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(3): 336, setembro-dezembro/2010, p. 901 – 912.

LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. **Gênero e trabalho: diversidades de experiências em educação e comunidades tradicionais**. 1 ed. Florianópolis : Editora de Mulheres, 2012a.

_____. **Gênero e pesca artesanal**. Recife. 1ª. ed. Recife : Linceu, 2012b.

_____. Gênero e políticas públicas na pesca artesanal de Itapissuma. In:

CALLOU, Angelo Brás Fernandes; TAUKE SANTOS. Maria Salett; GEHLEN, Vitória Fernandes (Orgs.). **Comunicação, gênero e cultura em comunidades pesqueiras contemporâneas**. Recife : ed. Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2009. p. 161-174.

_____. **30 anos de registro geral da pesca para mulheres**. Recife : Editora FASA, 2010.

LONGO, Roxana. **El protagonismo de las mujeres en los movimientos sociales: innovaciones y desafíos**. Buenos Aires : América Libre, 2012.

MANESCHY, de Maria Cristina e Almeida, MARINEIDE Pereira de. Tornar-se pescadora: associações de mulheres e constituições de sujeitos políticos. In: **No mar, nos rios e na fronteira: faces do**

campesinato no Pará, EDUFPA, 2002, pp. 49-82.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. “**Trabalhadeiras**” & “**Camarados**”: **Um Estudo sobre o Status das Mulheres numa Comunidade de Pescadores**, Brasília, UnB (dissertação de mestrado), 1977.

PENA, Nuria; PEREYRA, Branda; SORIA, Veronica (compiladoras). **Desarrollo y derechos de las mujeres: su participación y liderazgo en organizaciones comunitarias/** Buenos Aires : CICCUS, 2013.

RIAL, C. S.; TOMIELLO, N.; RAFFAELLI, R. (Orgs.). A aventura interdisciplinar - quinze anos de PPGICH/UFSC. 1. ed. Blumenau : **Nova Letra**, 2010. v. 1.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: SOS/CORPO, 1989.

SCHERER-WARREN, Ilse. Para uma abordagem pós-colonial e emancipatória dos movimentos sociais. In: **Movimentos sociais e participação: abordagens e experiências no Brasil e na América Latina**. Florianópolis : Ed da UFSC, 2011, p. 17-35.

VERAS, Dimas Brasileiro; LEITÃO, Maria do Rosário de F. A. Por uma articulação ambientalmente sustentável: práticas e representações da educação ambiental na articulação de mulheres pescadoras de Pernambuco. **Gênero e Trabalho: diversidades de experiências em educação e comunidades tradicionais**. 1 ed. Florianópolis : Editora de Mulheres, 2012, p. 201 -220.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena .

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-437-5



9 788572 474375